

BANHEIRÃO *ONLINE*: MUDIATIZAÇÃO DA PEGAÇÃO NAS ESTAÇÕES DE TREM DO RIO DE JANEIRO

Ribamar José de Oliveira Junior

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade
Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES/PROEX.*

ribamar@ufrj.br

*Simpósio Temático nº 44 – PERCURSOS PORNOGRÁFICOS: POR UMA
EPISTEMOLOGIA DISSIDENTE*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a mediação das práticas sexuais em torno da pegação a partir das interações em redes sociais. Dessa forma, busco pensar como a divulgação dos locais de pegação nas estações de trem do Rio de Janeiro pelo Twitter mostram um modo de articulação do desejo no trânsito do *online* para o *offline*, situando dinâmicas em torno das práticas espaciais e dos sujeitos específicos. Ao delimitar a leitura diante do que trago por “banheirão online”, busco adensar os sentidos na etnografia *online* pelas interações, pelos códigos e pelas negociações em torno das publicações. Entre o corpo e a mídia, apresento notas de uma análise inicial diante da visão convencionalizada do “banheirão” a partir dos usos dos espaços públicos pelas redes de pegação dispostas entre os dispositivos, as pessoas e os lugares pela mobilidade. No contorno da pesquisa iniciada em ambiente *online*, encaro a busca por esses prazeres pelo arranjo afetivo entre o escopo de interesse e a vivência dos sujeitos na experiência cotidiana da cidade, onde os espaços urbanos no contexto pós-massivo se tornam lugares de desejo, proferidos como territórios informacionais de comunicação no desalinhar de uma malha própria que tece um mapa sigiloso que goza no avesso das estações cariocas.

Palavras-chave: Banheirão, Mídia, Pegação, Redes Sociais, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This article aims to discuss the mediatization of sexual practices around the “pegação” from the interactions in social networks. In this way, I seek to think how the disclosure of the places of “pegação” in the train stations of Rio de Janeiro by Twitter show a mode of articulation of desire in the transit from online to offline, situating dynamics around the spatial practices and specific subjects. By delimiting the reading before what I bring as “online banheirão”, I seek to deepen the meanings in the online ethnography by interactions, codes and negotiations around the publications. Between the body and the media, I present notes of an initial analysis before the conventionalized view of the “banheirão” from the uses of public spaces by the networks of grabbing arranged between the devices, people and places for mobility. In the outline of the research started in online

environment, I see the search for these pleasures by the affective arrangement between the scope of interest and the experience of the subjects in the daily experience of the city, where urban spaces in the post-massive context become places of desire, uttered as informational territories of communication in the misalignment of own mesh that weaves a secretive map that enjoys in the reverse of the carioca stations.

Keywords: Banheirão, Media, Pegação, Social Networking, Rio de Janeiro.

EU, PASSAGEIRO

Nunca estive em um banheirão. Mentiria se começasse este artigo falando que já participei de práticas sexuais em banheiros públicos, apesar do tema me interessar a partir da intersecção com outros olhares de pesquisas. Porém, enquanto escrevia lembrei de um momento que poderia me levar a fazer uma pegação em um banheiro, mas por algum motivo qualquer não cheguei a fazer. Era 5 horas da manhã no dia 31 de agosto de 2017. Eu estava em uma escala de poucas horas no Aeroporto Internacional de São Paulo (GRU), em Garulhos, depois de sair da capital carioca para o interior do Ceará. Com uma mala nas mãos e mochila nas costas, decido ir ao banheiro para urinar e escovar os dentes. Silêncio no aeroporto, haviam poucas pessoas naquele horário e ninguém estava no banheiro, até o momento em que me levanto das cadeiras de espera para o embarque e decido ir. No caminho até lá, vejo que um comissário de bordo com uma mala me acompanha. Ele parecia me observar ou talvez estivesse atento aos meus passos naquele início de manhã. Entro na cabine do banheiro, escuto o zíper da sua calça abrindo no mictório na frente. Quando abro a porta, ele me encara enquanto se masturba e me convida com os olhos cerrados para a pegação. Talvez por medo ou algum sentimento do tipo, o encaro, vou até o espelho, escovo os dentes e saio sem tocá-lo. Ele lava as mãos do meu lado como não estivesse se masturbando e saímos no silêncio que entramos. Lado a lado.

Apesar de atraente, o comissário de bordo com crachá, camisa de botão, sapatos sociais, cabelos penteados para trás e exalando um perfume amadeirado nas primeiras horas daquela manhã me assustou pela situação repentina. Isso não quer dizer que depois daquele dia eu não tive experiências sexuais em banheiros ou lugares públicos, muito menos que não tenha feito algum tipo de pegação, porém de fato não cheguei a ter outro momento como aquele em um banheiro, chegando a fazer o banheirão. Mesmo 5 anos depois, morando mais recentemente no estado do Rio de Janeiro como passageiro. Dessa vez, penso dos trilhos do trem. É interessante perceber como esse tema do banheirão me retorna em uma situação de mobilidade entre cidades, seja por transportes terrestres ou

por transportes aéreos. Morando na Baixada Fluminense, passei a utilizar o serviço de trem partindo da linha Japeri que me leva à cidade do Rio. Diversas pessoas, objetos e coisas me encantam no percurso da viagem que leva aproximadamente 1 hora, a exemplo da entonação da voz dos vendedores a cada venda, da quantidade de produtos vendidos dentro do trem e da paisagem da cidade em suas múltiplas facetas, mas não imaginava que em cada estação poderia ocorrer banheiro ou até mesmo dentro do trem, mesmo sabendo que “o mictório ocupa o lugar mais baixo na categorização dos locais de engate homossexual” (PERLONGHER, 2008, p. 177).

Como podemos ver, chego até esta pesquisa como passageiro. No mesmo período em que passei a pegar a linha Japeri todas as semanas, comecei a produzir uma pesquisa sobre fetiche e sexualidade nas redes sociais. Nas observações de interações *online* nessas mídias, o percurso algorítmico me levou a um perfil de banheiro do Rio de Janeiro que possui atualmente o total de 123 mil pessoas e segue no ar desde 2018 no Twitter. Através de um post fixo, o perfil diz que aceita sugestão de lugares com a premissa ética de que “as divulgações são feitas por asteriscos e códigos para não queimar os locais”. Confesso que acabei mais atraído pelo perfil do banheiro, não só pela comunidade estabelecida pelos modos específicos de interação, mas também pelas articulações entre o *online* e *offline* nos reflexos da cidade, do corpo e da mídia. Há algo entre essas três questões que as circuncida em torno de uma: a mobilidade. Haviam outros perfis de banheiro, mas escolhi o perfil analisado por conta da quantidade maior de interações e do fluxo de textos, imagens e vídeos que mostravam não apenas o circuito do desejo *online*, mas também o repertório de práticas a partir dos códigos e das condutas de cada localização.

Escolho refletir sobre os banheiros do trem por estar em trânsito e aquilo de certa forma me afeta. Assim, este trabalho tem como objetivo principal discutir a midiatização das práticas sexuais em torno da pegação a partir das interações em redes sociais, sobretudo, no contexto do banheiro nas estações de trem do Rio de Janeiro. Apesar do tema não ser algo novo, me interessa por articular a pegação com a midiatização no ambiente *online*, pois compreendo que embora diversos trabalhos mencionem que o desenvolvimento de práticas de pegação geralmente podem começar em redes sociais e aplicativos, não há tanto um foco situado na midiatização do banheiro em sua esfera digital, onde muita coisa ali já acontece na internet. Não é meu intuito ficar apenas *online*, apenas observo que esta foi uma entrada interessante no campo de pesquisa que me trouxe questões importantes para pensar a nossa interação corporal com os dispositivos e as

conexões móveis. De tal modo, mesmo querendo adentrar o circuito *offline* não vejo essas articulações *online* como superficiais. Sigo o percurso que elas irão me levar, sendo essas notas o começo de algo que termina no gozo do mictório de um “corpomídia” (KATZ; GREINER, 2005) que não só veicula essas informações sobre a cidade, mas constitui seu corpo na cidade pela seleção dessas informações diante do percurso urbano.

Ao levar em conta o que Travancas (2006) menciona sobre a etnografia não ser apenas um método, mas sim uma formulação teórico-metodológica importante para a compreensão do campo comunicacional, penso que esse recurso pode me auxiliar no acompanhamento da circulação desses textos, imagens e vídeos em sua dimensão social e estética. “Porque como vimos, a subjetividade do pesquisador é elemento importante no processo” (TRAVANCAS, 2006, p. 12). A etnografia viaja, como traz Caiafa (2007), quando aponta esse recurso como “método-pensamento” ao acompanhar o fluxo próprio das cidades, onde a experiência cotidiana pode ser atualizada pela densidade do ritmo urbano no reflexo das transformações tecnológicas. Os rastros do banheirão são formas assumidas na e partir da cidade em seus processos comunicacionais, materializando a urbanidade na inscrição dos corpos que mediatizam os sentidos da pegação nos espaços urbanos. Se as diversas imagens da cidade podem ser imaginadas pelas transformações dos fenômenos urbanos e reimaginadas pelo espaço midiático, seria possível pensar as estações de trem cariocas pela experiência nos banheiros. “Mas quando o nosso cotidiano se transformou em experiência multimidiática o que fazer?” (LOPES, 2007, p. 11).

Assim, vale pensar como Sodré (2006) articula a forma com que as m dias se tornaram o próprio cont duo da mensagem que interv m culturalmente na vida social e dentro de um mundo sensível. Nesse contorno, encaro a busca por esses prazeres pelo arranjo afetivo entre o escopo de interesse no banheirão e o percurso *online* dos indivíduos na pegação, principalmente, no foco das paradas da linha férrea que se podem se tornar “territórios informacionais” (LEMOS, 2010) articulados por um mapa sigiloso no avesso do avesso das estações cariocas. Seria essa imagem de um zíper aberto no banheiro de aeroporto seria um dos meus possíveis “atratores” (CANEVACCI, 2008) para pensar nos detalhes microl gicos dessa capacidade de exercitar a atração visiva do corpo no contexto comunicacional da metrópole? O passageiro do trem que nunca fez banheirão procura o banheiro mais próximo, onde na imaginação mijava um comissário de bordo enquanto sigo *online* no Twitter, tomando nota das interações e tentando lembrar o que faria hoje naquele meu lugar no aeroporto.

CIDADE, UMA MÁQUINA DE COMUNICAR: TRÂNSITOS

Ao pensar com Lemos (2010) que a evolução do binômio cidade-comunicação se desenvolve diante das tecnologias de comunicação, procuro situar o debate sobre essas práticas sexuais do banheiro no contexto urbano carioca a partir da mobilidade da informação das mídias de função pós-massiva, ou seja, na visão dos vínculos abertos pela composição de “territórios informacionais”. Diante disso, cabe destacar que se as cidades da era industrial constituem uma dada urbanidade por meio das mídias massivas, do papel social e político midiático. As cidades contemporâneas estão constituindo sua urbanidade na relação tensa entre novas mídias de função pós-massiva, dentre as suas disparidades. Assim, enquanto na função massiva se vê o fluxo centralizado de informação, sobretudo pelo controle do polo da emissão, na função pós-massiva se vê o mesmo fluxo liberado do polo de emissão, onde qualquer um produz a informação. De certo, quando vejo as interações mobilizadas pelo desejo associado às práticas sexuais na rede social, encaro as informações de modo personalizado, derivada de fluxos comunicacionais bidirecionais no arranjo de todos-todos que age por nichos específicos, a exemplo do interesse por fazer o banheiro através da rede estruturada por polos descontínuos que se mantém disponíveis *online*.

De acordo com Lemos (2010), devemos pensar em termos de função e não de dispositivo, isto é, as funções massivas e pós-massivas estão presentes tanto nas mídias analógicas como nas mídias digitais, o que me interessa também seria articular as funções pós-massivas de emissão e recepção da informação, pois se assim podemos compreender o que está em jogo com os dispositivos móveis digitais e a cidade, vejo o fenômeno do banheiro *online* nessa configuração “comunicacional-sexual” como um dos diversos processos pós-massivos que permitem a emissão, a circulação e a movência em tempos simultâneos na própria cidade. Embora o autor foque na dimensão da cidade e da comunicação, proponho colocar o corpo entre uma e a outra na deriva das práticas sexuais, principalmente, pelo gancho que encontro na mobilidade pela potencialidade das práticas sociais. Se a cidade seria uma máquina de comunicar, o banheiro *online* na mobilidade da própria cidade seria um modo de fazer comunicar essa maquinaria através dos corpos conectados não só por suas funções “locativas”, a exemplo dos mapas, das localizações e dos circuitos, mas sim por seus desejos “locativos”.

Como traz Costa (2010), a configuração de espaços para a vivência sexual dissidente abarca a dimensão do território, onde o mesmo significa uma brecha a partir

de uma “agregação informal”, ou seja, uma territorialização diante das apropriações do espaço urbano, em um dito localismo expresso pelo “aqui e agora”. “Por territórios informacionais compreendemos áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano” (LEMOS, 2010, p. 160). Na visão da heterotopia foucaultiana, ele pensa o “território informacional” como um espaço movente e híbrido, tecido entre a relação com o espaço eletrônico e físico. Dessa forma, o banheiro *online* seria uma das formas de se apropriar do espaço das cidades por intermédio dos dispositivos móveis e das redes sociais, criando territórios onde usuários nem sempre se reconhecem entre si, mas se vinculam através do reconhecimento do desejo que delinea a busca dessa anotação eletrônica do espaço, nas marcas de um texto, de uma foto ou de um vídeo postado. Afinal, os “flagrantes” do banheiro mostram como esse imbricamento entre o *online* e *offline* legitimam os espaços urbanos como pano de fundo das práticas sociais em torno do sexo.

Por “flagrante”, me refiro aos vídeos curtos que circulam nessas redes sociais, a exemplo do perfil no Twitter analisado, comprovando e instigando o espaço e a vontade de estar junto naquele momento pela pegação, gravados por dispositivos celulares de modo nem sempre autorizado e ciente que figuram o desejo através do fetiche pelas interações *online*. Como trazem Hoff e Rocha (2013), na relação entre corpo-mídia e corpo-cidade os “atratores” seriam uma espécie de “GPS do olhar”. De certo, sigo nesse circuito do banheiro *online* em torno de uma mobilidade não só das redes sem fio, mas do fluxo do trem, onde percebo que nessa relação com o tempo, espaço e território se dá a mediação da própria pegação na cidade. Distante de pensar essas conexões como algo novo, procuro situá-las em torno da mediação para perceber essas experiências no seu contexto ao mesmo tempo social e estético dos rastros digitais. É o Bruno (2013) traz pelos rastros como inscrições de ações, onde comunicar é deixar rastros que me permitem descrever agora de modo mais superficial a formação de um coletivo sociotécnico em torno do banheiro, situado entre a presença e ausência, a visibilidade e invisibilidade, a duração e transitoriedade, a identidade e o anonimato.

Esses rastros do banheiro *online* me mostram uma relação com a mediação da pegação. Diante da mediação, Sodré (2014) discute que não se trata da transmissão de acontecimentos por meio da comunicação, nem de mediações simbólicas sobre a mídia, mas sim de um funcionamento entre as instituições sociais, os indivíduos e a mídia. Se na mediação poderíamos dizer que a pegação *online* seria algo que se interpõe entre os

indivíduos e o banheiro, a midiaticização nos diz que os indivíduos são descritos como eles próprios se fazem na pegação *online*. O banheiro *online* seria um dos espaços desse *bios* midiático ao mesmo tempo que tensiona esse próprio espaço, pois não apenas mostra uma simulação do que seriam as práticas, mas as revelam na medida em que os celulares e a conexão com a internet móvel produzem os vínculos mudando o consumo de mídia e criando modos de mediação próprios das relações. Nesse tipo de atrator diante do tema, não sei ainda em que medida mais temporal do que social vale pensar no “efeito SIG” dessa prática. “O ‘efeito SIG’ (simultaneidade, instantaneidade e globalidade) já está definitivamente inscrito na temporalidade cotidiana, abolindo todas as distâncias espaciais pela prevalência do tempo” (SODRÉ, 2014, p. 111).

É interessante perceber como no fluxo do trem do Rio de Janeiro esses arranjos comunicativos podem contribuir para pensar formas de sociabilidade e de subjetividade na cidade, sobretudo, se pudermos refletir sobre o passageiro no fluxo temporal pendular como um próprio “terminal”, como traz Caiafa (2019). No caso, os dispositivos móveis estendem os lugares públicos aos modos de vida sexuais, contrastando a velocidade não apenas de conexão entre os lugares da cidade a cada estação, mas dos indivíduos que transitam nessas estações e fazem de cada estação um “território informacional-sexual” que pode ser definido como um espaço de situação comunicativa da prática produzida na vida social do trabalho e no tempo fugaz da cidade. “Na cidade se produz um *espaço de exterioridade*, que devemos tomar bem radicalmente como um espaço *feito de fora* na medida em que a própria cidade se constitui como exterior” (CAIAFA, 2019, p. 9, grifo original). Do mesmo modo, como um interior constitutivo das práticas a partir do exterior exteriorizado da cidade, onde essa força do desejo torna o espaço público e usual da cidade em um espaço coletivo de experimentação da diferença pela efemeridade das trocas do cotidiano, a vida e o trabalho aparecem na reprodução cotidiana do social.

O banheiro se constitui no seu próprio exercício de constituição e, apesar de ser atravessado de uma prática midiática da pegação, proponho pensar não apenas na esfera superficial por ser *online*, mas nos modos de convivência de uma pertinência fluida na invenção dos ambientes que são ocupados pelas relações subjetivas *offline*. “A tecnologia digital tem, de fato, se superposto cada vez mais aos espaços heterogêneos de confronto com estranhos nas cidades, fazendo valer a comunicação remota de forma imediata (...)” (CAIAFA, 2019, p. 14). Afinal, a mão que clica na tela é a mesma que masturba alguém do lado do mictório ou por debaixo da cabine individual do banheiro. Os olhos iluminados

pela tela são os mesmos que veem a sombra do pênis ereto no piso e entendem o código do desejo de permissão.

CORPO, UMA CÂMERA NO BANHEIRÃO: INTERAÇÕES

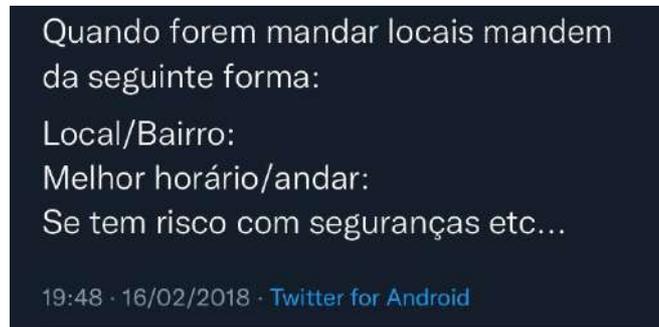
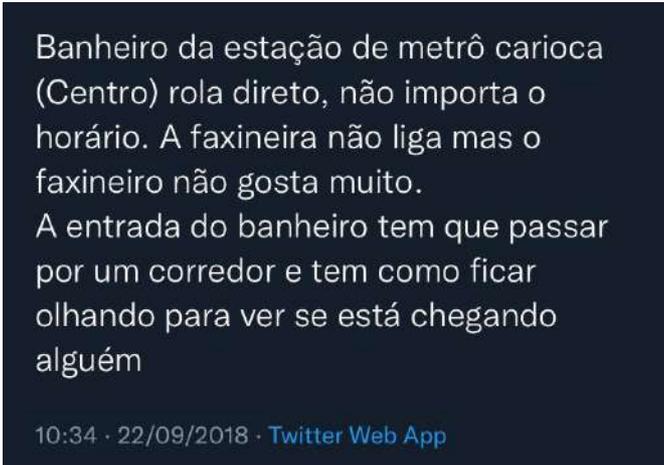


Figura 1: Post que mostra como os anúncios devem ser feitos sobre os lugares de pegação no perfil do Twitter.

Embora seja afetado pelas miradas antropológicas que conduzem os olhares desse percurso, busco me situar diante do que Braga (2017) traz pela “teoria tentativa” na comunicação, no sentido de trabalhar com um pequeno conjunto de aspectos com foco intermediário de abrangência, principalmente, na observação da ação comunicacional como principal e ângulo prioritário para descobertas. Sem descartar outros ângulos, a atenção central ao “comunicacional” me permite caracterizar o contexto a partir das ocorrências do fenômeno. Dessa forma, conversas *online* voltadas para interações e trocas de materiais sexuais, a exemplo do MSN, já apareciam nos olhares de Braz (2007) e, para a internet nos encontros de sexo coletivo, no foco de Parreiras (2009) no Orkut, sendo o *online* um espaço que ganha significação a partir da vivência dos usuários. Nos termos de Díaz-Benítez (2007), em torno do “ritual da pegação”, caberia pensar o *online* no banheiro pelo sentido no aprofundamento desse caminho. “O fenômeno comunicacional se realiza em *episódios de interação* entre pessoas e/ou grupos, de forma presencial e/ou midiaticizada” (BRAGA, 2017, p. 20, grifo original). Se Barreto (2017) aponta a “putaria” como um termo-conceito que pode abarcar tanto as práticas quanto as pessoas, os espaços e as performances que potencializam as interações, vale pensar no que seria uma “putaria-comunicacional” como horizonte dessas práticas *online*.

Ao levar em conta toda troca, articulação ou tensionamento entre os indivíduos conectados, encaro a premissa de Braga (2017) em observar a comunicação como um processo de compartilhamento, assumindo que não há comunicação sem interação e levando o banheiro como episódio interacional que pode ser considerado singular no

cotidiano, sobretudo, na sua característica performativa em haver ou não a incidência do encontro por ser um processo tentativo, dentre os desvios, as ineficácias e a imprecisão. No caso, é interessante perceber o processo comunicacional que depende da presença dos códigos compartilhados de referência, comum aos participantes, e o inferencial no sentido de trazer melhor o sentido codificado, sendo as inferências do episódio interacional o núcleo da atividade comunicacional. Assim, do *voyeurismo* à masturbação nos mictórios, “são tais W.C. um dos nichos mais típicos e preferidos dos adeptos do sexo anônimo” (MOTT, 2000, p. 88). A exemplo disso, Costa Neto (2005) traz que as mensagens deixadas nos banheiros são quase sempre feitas para encontros sexuais e, como trata Guimarães (2004), quando é conveniente são utilizados códigos não-verbais nos contatos da pegação. Em um post fixo no perfil analisado do Twitter, vemos como a comunicação ocorre na maximização do rigor diante da imprecisão e na ampliação da probabilística do sucesso na prática comunicacional, sobretudo, na potencialidade dos acordos compostos como composição complexa do jogo lógico do desejo.



Banheiro da estação de metrô carioca (Centro) rola direto, não importa o horário. A faxineira não liga mas o faxineiro não gosta muito. A entrada do banheiro tem que passar por um corredor e tem como ficar olhando para ver se está chegando alguém

10:34 · 22/09/2018 · [Twitter Web App](#)

Figura 2: Tipo de anúncio compartilhado no perfil do Twitter que mostra como são indicadas as estações do trem.

De acordo com Edelman (2011), os banheiros públicos masculinos e as relações espaciais engendradas culturalmente nesse espaço ritual nos mostram como o banheiro dos homens não possui um fora de si mesmo, estando no desejo dos olhos que devolve o próprio olhar em uma autorreflexão, mobilizada por um princípio de contenção implícito no molde do sujeito pelo arquitetônico. “Como uma arena privilegiada para essa performance, para essa realização da anuência do corpo com a regulação cultural do desejo, o banheiro dos homens estabelece um palco crítico tanto para como na

interpelação da subjetividade masculina” (EDELMAN, 2011, p. 256). É pertinente relacionar esse pensamento de Edelman (2011) do olhar do indivíduo ser uma câmera que assegura que o exposto não é nunca observado diretamente, com a reflexão de Jones (2011) sobre a atmosfera de alta vigilância que pode ocorrer nos banheiros públicos masculinos, sobretudo, pela caça aos “desvios sexuais” no tempo morto do cotidiano, nas fugazes conversas entre homens em busca de sexo, no contexto do “flagra do banheirão”. Digo isso por lembrar das interações do flagrante como modo de compor a possibilidade da pegação no lugar marcado da estação do trem ou em outros lugares públicos, sendo a imagem ou o vídeo do ato do banheirão uma inferência no rigor desses mesmos códigos compartilhados.

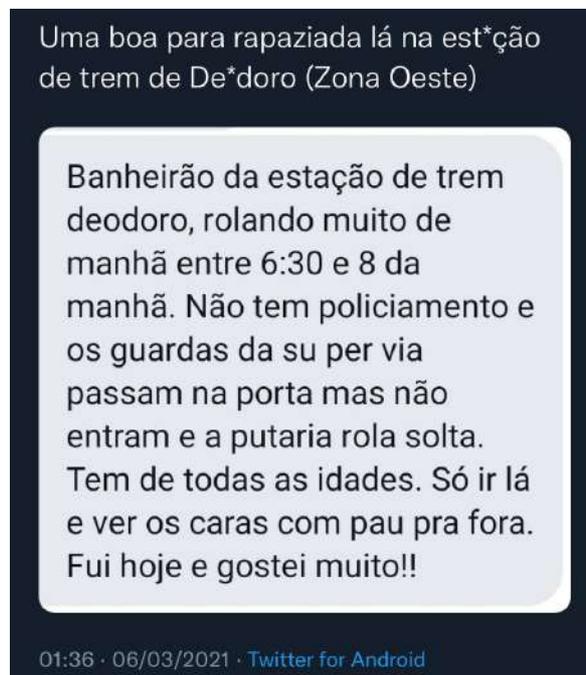


Figura 3: Tipo de indicação que demonstra a aprovação do lugar da pegação com as dinâmicas do horário na rotina.

O banheirão pode ser visto através das interações sexuais entre as negociações e os consórcios episódios, como traz Souza (2012), no próprio trânsito dos sujeitos que praticam sexo ocasional e não comercial entre homens. “Passei a observar com atenção a atuação desses homens que, por inúmeras vezes, praticavam exibicionismo, voyeurismo, masturbação recíproca ou não e até sexo oral nos mictórios desses movimentados banheiros” (SOUZA, 2012, p. 26). De acordo com Sester (2016), ao mesmo tempo em que há uma gramática do banheirão que permite a leitura e o uso do espaço provocando um efeito pulverizador da multidão, há uma brecha onde cai um “cisco no olho do

panóptico” foucaultiano, pois existe uma fixação do espaço pelo “negativo do lugar” em que o banheiro acaba tendo uma função positiva dentro dessa invisibilidade como tensor. Vale lembrar que Oliveira (2016) mostra como os locais podem ser produzidos e significados através de parcerias eróticas e sexuais, pela noção de rede tecida por circuito, a cidade aparece especializada nas expectativas dos encontros, sendo a pegação vista como um aglomerado de práticas de incidência erótico e sexual abertas potencialmente entre homens que buscam relações corpóreas.

A pegação se refere aos locais onde ela desenvolve e, ao mencionar os banheiros, poderia falar do jogo midiaticizado desse circuito pelas lógicas do território informacional especializado no fluxo dos corpos conectados pela cidade. Diante do que Oliveira (2016) chama de “rede da pegação”, busco pensar nos agentes e no território *online* na paisagem midiaticizada da cidade que partilham e possibilitam a prática que é articulada no ambiente digital, pois se os usuários do Twitter estão interligados *online* e *offline*, os espaços públicos podem estar conectados na partilha de interesse e no percurso dos transeuntes na rotina do trem. Nesse caso, o banheiro *online* produz uma paisagem midiática dos espaços urbanos a partir dessa pegação desenvolvida no ambiente digital, passando por pontos a exemplo das estações do trem, no fluxo pendular da rotina de usuários do serviço que trabalham e utilizam as redes sociais para combinar o horário e procurar os locais. “A materialidade do corpo e suas reações torna-se uma estratégia de comunicação substitutiva, uma máquina desejante que comunica seus desejos e vontades” (OLIVEIRA, 2016, p. 306). Se a cidade é uma máquina de comunicar e o corpo é uma máquina de gozar, o corpo na cidade pode ser um acoplamento entre modos de maquinar o percurso engrenado na rotina urbana do gozo transeunte.

Banheiro da estação de trem deodoro, rolando muito de manhã entre 6:30 e 8 da manhã. Não tem policiamento e os guardas da su per via passam na porta mas não entram e a putaria rola solta. Tem de todas as idades. Só ir lá e ver os caras com pau pra fora. Fui hoje e gostei muito!!

banheiro do metro da uruguai
pega fogo, 2 cabines, sem
segurança, só ontem mamei 3.
putaria rola entre 16:00, 18:00.
muito bom

Figura 4: A forma como os indivíduos no banheiro se comunicam para evitar flagrantes do perigo coercitivo de vigilância.

DE VOLTA AO BANHEIRÃO?

Evidentemente, as práticas sexuais de pegação no banheiro das estações do trem mostram como esses fenômenos *online* afetam a produção subjetiva das cidades, sobretudo, pela crescente velocidade dos acontecimentos e das práticas nos curtos períodos de tempo do banheiro no cotidiano. O que quero dizer com isso é que cada interação por detrás da tela desvela o banheiro atravessando ferramentas que insistem de modo pós-massivo em processos de interação mais conversacionais, onde os agentes dominam não só o processo criativo do fazer banheiro como ato físico criado a partir da comunidade de usuários *online* e *offline*, mas também se produzem pelos vínculos abertos entre eles no próprio nicho da prática sexual no cotidiano da cidade. Talvez, o banheiro *online* possa se constituir como um “território informacional” por se dar não no espaço compartilhado entre os corpos, mas no contato com o tempo real e o acesso informacional e, sem dúvidas, na banalidade das conexões pelo efêmero do cotidiano da cidade. Seria possível falar em um “corpo-mídia-locativo”, onde os corpos atravessados por fluxos midiáticos se localizam na apropriação do espaço e do sentido das práticas urbanas?

Quando abordo o tema da metrópole comunicacional, penso na significação do banheiro como um exercício de deriva, onde a imagem de pegar o outro desconhecido no banheiro atrai, assim como, os atos de instância material e imaterial que apresentam o indizível no âmbito da busca do olhar, na desterritorialização e na reterritorialização do espaço urbano que fazem parte da experiência *online* a qual se reporta no *offline*. Se pudesse falar de uma estética da pegação no banheiro, somente pelos vídeos divulgados na rede social, poderia trazer uma estética do flagrante mobilizada por rastros digitais, onde prazer, perigo e controle da comunidade *online* encontram o gozo nos modos de ver

a pegação na cidade. Assim, a midiaticização da pegação nas estações de trem do Rio de Janeiro pode nos mostrar como a realidade é capaz de permear as relações sociais por meio da mídia. Dessa forma, quando falo no avesso do avesso das estações de trem do Rio de Janeiro talvez esteja me referindo ao exterior produzido a cada estação a partir desse exterior da cidade. O *online* do banheiro mostra que a putaria pode acontecer de modo relativamente previsível na possibilidade da pegação.

Nesse sentido, nessas organizações de tentativas dos participantes a pegação pode ser vista como um dispositivo social para a comunicação, ou seja, uma produção social por meio de dispositivos interacional que articulam os códigos e as inferências entre eles. Os corpos que gozam juntos no banheiro querem ser imprevisíveis, pois o mais previsível é o tempo de espera do trem a cada estação na volta para casa. É quando o ato de gozar na rotina pendular entre o regime de velocidade do trem e a energética comunicacional da vida se constroem e se afetam no espaço construído. Ao lembrar do comissário de bordo, lembro mais do seu rosto do que do seu pênis e isso me diz algo sobre a minha volta do banheiro. A ereção dele parecia saber que o tempo morto daquela manhã poderia ser aproveitado pela minha mão. Algo é certo nessa lembrança, o tempo deve ser aproveitado nas brechas possíveis das horas e quem faz banheiro sabe disso, sabe tanto que faz dos mictórios da cidade um espaço para si. Da mesma forma, o tempo ressoa em nós pelos trânsitos entre e nas cidades, pois desde então tenho olhado para braguilhas de comissários de bordo quando poderia ter feito de São Paulo o meu gozo matinal.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Victor Hugo Souza. “Putaria” enquanto conceito: desejo e sexualidade na prática orgiástica. **Bagoas**, v. 11, n. 17, 2017.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: BRAGA, José Luiz et al. (Orgs.). **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: Eduepb, 2017.

BRAZ, Camilo. Corpo a corpo: reflexões sobre uma etnografia imprópria. **Ártemis**, v. 7, p. 128-144, 2007.

BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Famecos**, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2012.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CAIAFA, Janice. Comunicação, subjetividade e transporte nas cidades. **Novos Olhares**, v. 8, n. 1, p. 7-19, 2019.

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais**: corpos eróticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê ditorial, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das representações sobre o homoerotismo. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.1, n.1, p. 21-38, jan.-jul. 2010.

COSTA NETO, Francisco Sales da. **Banheiros Públicos**: Os bastidores das práticas sexuais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

DIÁZ-BENÍTEZ, María Elvira. Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. **Cadernos de Campo**, v. 16, n. 16, p. 93-112, 2007.

EDELMAN, Lee. “Banheiro dos homens”. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. (Orgs.). **Masculinidades**: teoria, crítica e artes. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 241-253.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HOFF, Tania Marcia Cezar; ROCHA, Rose de Melo. Corpo-mídia e cidade-mídia como instâncias comunicacionais: consumo, imagens e identidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 10, n. 18, p. 124-133, 2013.

JONES, Willian. “Caça às bruxas no banheiro”. In: PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. (Orgs.). **Masculinidades**: teoria, crítica e artes. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2011. pp. 241-253.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. “Por uma teoria corpomídia”. In: GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Editora Annablume, 2005. pp. 125-133.

LEMONS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, n. 2, p. 155-166, 2010.

LOPES, Denilson. “Por uma Estética da Comunicação”. In: LOPES, Denilson. **A Delicadeza**: estética, experiência e paisagens. Brasília: Ed. UnB, 2007.

MOTT, Luiz. **A cena gay de Salvador em tempos de AIDS**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. Um circuito chamado desejo: notas sobre os pontos de pegação em João Pessoa. **Política & Trabalho**, n. 44, p. 299-317, 2016.

PARREIRAS, Carolina. “Fora do armário... dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual”. In: DIÁZ-BENÍTEZ, Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. pp. 343-370.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

SESTER, Eros. “Por que o banheirão não mingua?”. In: **Apresentação nas Jornadas de Antropologia John Monteiro**. Campinas: Unicamp, 2016. pp. 1-20.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas sobre o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Tedson de Silva. **Fazer banheirão**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. pp. 98-109.